

A CIDADE PULSANTE: RITMOS E IMAGENS DO INTERIOR MINEIRO NAS CRÔNICAS DE LYCÍDIO PAES

Regma Maria dos Santos¹ - UFG

Podemos considerar que a tentativa de romper, ou anular a distância e o tempo foi estimulada pelo avanço nos meios de transporte e comunicação na sociedade contemporânea, mas esse período também foi responsável por guerras, guerrilhas, conflitos religiosos e étnicos, das mais diversas naturezas.²

Nicolau Sevcenko³ considera que as obras de ficção produzidas no final do século XIX e início do século XX permitem-nos compreender a transformação da percepção provocada por esses avanços. Podemos acrescentar que as crônicas, escritas ao longo do século também ampliam essa percepção, como observaremos ao longo do texto nas reflexões construídas por Lycídio Paes.

Lycídio Paes interpretou de forma singular essas transformações e realizou suas próprias comparações, visto que era um homem ligado ao jornal e, portanto, conhecedor e, também fruidor das descobertas inovadoras, da pena à máquina datilográfica, das gráficas, que vão tornando cada vez mais sofisticados os processos de impressão, das fotografias, que, timidamente, vão impondo-se nas páginas dos jornais e revelando as transformações urbanas pelas quais passam as cidades.

Lycídio Paes percebia o seu tempo com o seu corpo. Era a partir dele que dialogava com todos os instrumentos modernos criados neste século, com a finalidade de expandir a percepção humana, as imagens, os sons, a velocidade. Era surdo, e esse fato o tornou particularmente crítico aos novos artefatos. Mas, um crítico condescendentes, que inúmeras vezes rendia-se às facilidades do mundo moderno. Era um homem da comunicação e, portanto, dialogava com os diversos tipos de meios. O jornal era apenas o ponto de partida,

¹ Prof. Dra. do Curso de História da UFG/CAC/ Coordenadora do NIESC – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais

² HOBBSAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX. (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³ SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando(Coord.geral). e SEVCENKO, N.(org. do volume). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.513-619.

povoavam sua vida e suas reflexões também o telefone, o rádio, a televisão, o cinema, o automóvel, o avião e outros artefatos do mundo moderno.

O cronista, ao descrever as condições de locomoção e transporte no início do século, revela as dificuldades que enfrentavam os moradores de regiões íngremes. Lycidio Paes rememora, nesta crônica da década de 1960, sua lua de mel, que aconteceu no início do século XX, passada no píncaro de uma serra no município do Alto Rio Doce.

Não havia ainda automóveis no Brasil e nessas paragens nem ao menos carro de boi. O transporte de carga era feito por tropa de burro e a locomoção humana por animais de sela. A subida da serra, entre Silveiras, município de Rio Pomba, e os Caramanos, era uma viagem penosa.⁴

O Brasil constitui-se até então como país rural. Porém, é a partir do século XX que a população do campo migra para a cidade, a fim de procurar melhores condições de vida mediante um emprego remunerado com carteira assinada e também por estar sendo expulsa do campo pelo processo de mecanização.

Lycidio Paes em crônica cujo tema é o êxodo rural e a substituição do trabalhador rural por aparelhos mecânicos, afirma que as idéias antecedem a evolução dos hábitos e das ações: “é preciso que o pensamento funcione antes de dar partida ao motor.”⁵ Na cidade, alguns trabalhadores “adaptam-se ao novo trabalho da vida e conseguem êxito; outros, porém, reagem de maneira contraproducente, e, então, desenha-se o drama de famílias expostas a vicissitudes e privações inarráveis, fundando favelas e mocambos.”⁶

Lycidio Paes acredita que, se fossem dadas comodidades para que o homem do campo ali permanecesse, esse problema seria evitado. E confessa que, se pudesse residir na roça numa casa com modestas dependências como a sua, mas com os recursos fáceis da comunicação, preferiria esse bucolismo, embora não tivesse capacidade para arar a terra e plantar cereal.:

Sem água encanada, sem luz elétrica, sem geladeira, sem telefone, sem rádio e sem um Ford, terminantemente não vou para a roça por minha livre vontade; mas com esses ingredientes e mais a minha escassa biblioteca – cuja escassez solícitos amigos procuram agravar levando livros

⁴ PAES, Lycidio. Lua de Mel. *Correio de Uberlândia*, 4-5/07/1965.

⁵ PAES, Lycidio. A cidade e a roça. *Correio de Uberlândia*, 24-25/01/1965, p.3-5.

⁶ Ibid.

emprestados sem cuidado de restituir – não desdenharei uma vivenda campesina. Por aqui ver-se-á que não sou exigente, pois desisto do avião, do cinema e de quaisquer outras etiquetas impressas na agenda do cidadão civilizado...⁷

Lycídio Paes não descarta uma possível reviravolta, ou seja, os trabalhadores voltando para o campo e esvaziando as cidades. No entanto, parece ser inevitável o desenvolvimento urbano. O cronista comenta o crescimento vertical da cidade, que começa a construir os primeiros arranha-céus. Edifícios de 8 a 16 andares. As comparações com outros prédios são feitas pelo cronista por meio da fotografia: "Vi há poucas semanas a fotografia de um colosso que se ergue em New York. Tem apenas 60 pavimentos, parecendo mais um desafio à imaginação humana do que uma obra destinada à habitação."⁸

Sobre as mudanças ocorridas nesse período, o cronista exclama que ninguém seria capaz de supor, na época em que carros de boi penetravam na zona urbana trazendo mercadorias de Goiás, que houvesse uma transformação e uma evolução tão rápida na vida citadina. Mas, pondera que essa evolução não foi apenas uberlandense ou brasileira, mas mundial. "E os seus fatores mais importantes foram as duas guerras que a mesma geração assistiu, ou melhor, de que participou." ⁹

Contudo, para o cronista, o desenvolvimento material não corresponde ao intelectual, o que leva a "fazer certas restrições como, por exemplo, a de que ao seu desenvolvimento material não corresponde o adaeamento intelectual: a de que as artes não encontraram até hoje um ambiente favorável para a sua germinação."¹⁰

Lycídio Paes justifica essa questão pela prolongada falta de comunicação com os grandes centros cultos do país, e pelas ocupações dos habitantes em atividades da indústria pastoril.¹¹ Mas, por outro lado Lycídio Paes considera que o espaço urbano favorece e estimula a produção cultural por ser o lugar dos acontecimentos notáveis como cita em uma crônica escrita em um "sítio bucólico" longe dos ritmos e dos sons urbanos, o que torna, segundo sua auto-crítica, a crônica sem enchimento e sem filosofia:

⁷ Ibid.

⁸ PAES, Lycídio. Modos de subir. *Correio de Uberlândia*, 16/03/1958, p.2-3.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

...Mas como hei de compor os períodos desta coluna com alguns dados interessantes, se não posso fazê-lo com trechos de ficção – porque isto é jornal e não romance – se não tenho notícias dos últimos acontecimentos políticos nessa mansão campesina, se não tenho livros ao meu alcance, se estou longe das intrigas partidárias, dos vícios citadinos, das impertinências oficiais e ate da incômoda noção de existência do governo?¹²

Fica claro, por estas proposições, que o cronista compreende cultura como ilustração, erudição, que pode ser expressa em associações, revistas, cinemas e não no isolamento do mundo rural. Lycidio Paes também lamenta que cidades mineiras tradicionais no passado estejam em decadência, como Paracatu:

E lamento porque é uma cidade de tradição na história mineira. As informações dizem, por exemplo, que lá não há luz, ou mais exatamente, que a luz dura apenas até 23 horas ficando daí pelo resto da noite as ruas e as casas completamente às escuras.(...) O comerciante deve vender muita lanternas elétricas como único recurso para transitar pelas vias públicas. Bares, confeitarias e cabarés certamente não funcionam porque o seu horário interrompeu-se com o colapso das lâmpadas justamente quando mais intenso deveria ser o movimento.Os postos de gasolina serão iluminados a querosene de lampião?¹³

Ao final da crônica, Lycidio Paes comenta: “Sinto melancolia quando verifico que as antigas cidades cheias de tradições sofrem diminuição no seu prestígio, na sua fisionomia e no seu conforto...”¹⁴

Algumas palavras desta crônica revelam a concepção moderna de Lycidio Paes, como lâmpada/luz/lampião/iluminadas/lanternas elétricas em oposição à escuro/trevas. O historiador Jacques Le Goff, em seu texto Progresso/Reação, procura revelar os casos históricos em que não há antagonismos entre essas duas orientações, mas uma interação dialética entre elas. Percorrendo a história, a partir dos gregos, Le Goff expõe os conceitos

¹² PAES, Lycidio. Crônica Rural.In: SANTOS, R. M.(Org.). *Brevidades – Crônicas de Lycidio Paes*,. São Paulo: EDUC/Oficina do Livro, 2002, p. 170

¹³ PAES, Lycidio. Paracatu. *Correio de Uberlândia*, 11/07/1971, p.3.

¹⁴ Ibid. Mário de Andrade em uma crônica para o jornal *O Estado de São Paulo* de 1939, sobre as letras mineiras trata da cidade de Paracatu: “Mas nuns e noutros permanece arraigada a velha tradição mineira da cultura. Será que ainda falam muito latim em Paracatu? Senti nos escritores mineiros uma seriedade artística admirável, uma vontade de fazer bem feito; e aquela preocupação da forma, da expressão adequada, sem a qual a criação literária pode ser tudo o que quiserem, menos arte”. ANDRADE, M.*Vida Literária*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p.129.

de progresso e reação passando pela Idade Média, pela Renascença, pelas revoluções francesa e russa, pelo nazismo e pelo fascismo.

Com relação à história contemporânea, Le Goff destaca o abalo que a primeira Guerra Mundial causou à crença no progresso, sem, no entanto, fazê-la desaparecer. Mas, em 1929 e 1939, novos golpes são dados à ideologia do progresso: “ A crise de 1929 pôs fim em primeiro lugar ao mito da prosperidade atingindo sobretudo o país que estava transformando-se em modelo de progresso econômico, social e político: Os Estados Unidos.”¹⁵

Ainda conforme o autor a guerra deixou como legado uma novidade assustadora: a bomba atômica, mas notáveis progressos serviam como contrapeso para essa inquietação. Le Goff preocupa-se, principalmente, com o aspecto moral da ideologia do progresso e afirma, por fim, que devemos hoje combater pelo progresso dos direitos humanos.

Outras implicações do desenvolvimento técnico e do progresso material destacadas pelo cronista referem-se às novas práticas e aos novos elementos, que passam a fazer parte do espaço urbano. Lycidio Paes relata a notícia do falecimento do amigo Mário Roquette Pinto, retratando seu espírito moderno e pitoresco:

*Não havia ainda automóveis, e ele, com seu espírito modernamente aventureiro, não se conformaria com o transporte no dorso dos animais. Apareceu com uma motocicleta, penso que a primeira máquina dessa espécie que percorreu aquelas estradas. Mas a introdução dessa novidade não se deu sem vários incidentes. O veículo, com a válvula de escapamento aberta, fazia uma barulheira infernal pelos caminhos, e os animais de sela, que nunca tinham visto aquele bicho, espantavam-se e várias vezes ocasionaram quedas dos cavaleiros.*¹⁶

A era do motor, não somente com as motos, mas também com os carros, terá suas virtudes e também suas conseqüências trágicas. O cronista situa o momento em que os carros chegaram no Brasil por volta de 1913. Antes desse fato, José do Patrocínio, de volta

¹⁵ LE GOFF, J. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão...[et al.]. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 267.

¹⁶ PAES, Lycidio. Mais uma cruz, *Correio de Uberlândia*, 06/02/1958.

da Europa, trouxera um carro enorme, que pretendia empregar a serviço do jornal, mas que acabou destruído pela inabilidade do condutor.

A regulamentação do trânsito não impede a ousadia dos motoristas, que, cada vez mais, sentem-se fascinados pela velocidade. Para alguns, a morte será o destino certo. A morte do ator James Dean em um acidente de automóvel, em 1955, é um exemplo da paixão do jovem pelo automóvel e pela velocidade. A idéia de que viver é correr o risco de morrer revela uma atitude ensimesmada da juventude a partir de meados do século XX. Edgar Morin, refletindo sobre isso, observa: “A velocidade motorizada não é somente um dos signos modernos da busca do absoluto, ela também responde à necessidade de perigo e de afirmação pessoal da vida quotidiana.”¹⁷

Não somente os motoristas, encantados com a velocidade que poderia levá-los à própria morte, são vítimas da imprudência, mas também os pedestres. Nicolau Sevcenko, sobre esse aspecto, comenta que as pessoas passam a sair às ruas com espírito cauteloso e alarmado, podendo cortar caminho para o necrotério, essa atitude transformou-se numa segunda natureza do transeunte moderno, já que se sente indefeso diante de um trânsito urbano bastante complicado.¹⁸

Os verbos esmigalhar, triturar, esfacelar, rasgar, comprimir, utilizados por Paes em diversas de suas crônicas, exprimem a dimensão cruel e violenta dos acidentes provocados pelo abuso da velocidade. Mas, o cronista tem consciência de que não se trata apenas de uma posição individual o gosto pela velocidade e a imprudência no trânsito, existe mesmo um apelo institucional para que isso aconteça.

Ao considerar o automóvel como máquina da morte, o cronista não deixa de realçar sua característica efêmera, assim como a vida daqueles que a conduzem, seduzidos e fascinados pela velocidade.¹⁹ A idéia de segurança, de preparo diante dos artefatos modernos, é ressaltada como forma racional de relacionar-se com os novos inventos

¹⁷ MORIN, E. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p.117

¹⁸ SEVCENKO, N. , *Op.cit.*, p.550

¹⁹ PAES, Lycidio. Mais uma cruz, *Correio de Uberlândia*, 06/02/1958.

técnicos, que garantem, por um lado, maior comodidade ao homem, mas, por outro, podem levá-lo a experimentar tragédias.

Outro aspecto abordado pelo cronista com relação ao automóvel diz respeito ao sentido de ostentação que expõe a diferença de classes sociais. O historiador Nicolau Sevcenko pontua que, se, a velocidade das máquinas urbanas exigia uma precaução, por outro incorporava-se ao próprio subconsciente como sinal de distinção e ostentação exibicionista²⁰. O carro identifica o homem com a modernidade. Ainda, por outro lado, sua dimensão mitológica estará ligada à idéia da vaidade masculina "(...) Daí a volúpia de ter e dirigir vários carros, de cobiçar o alheio e de trocá-los tão freqüentemente quanto possível".²¹

Marshal McLuhan cita a interpretação dos filósofos vienenses que viam o carro como objeto sexual, mas observa que "os homens sempre foram os órgãos sexuais do mundo tecnológico. O carro não é mais, ou menos, objeto sexual do que a roda ou o martelo."²²

Além desse aspecto, Flora Sussekind chama atenção para a transformação da paisagem cotidiana que se vê fora do carro, pois "dentro dele, o passageiro, num torpor imperceptível, perde, em parte, a própria noção do tempo ou dos lugares porque passou ou a que se destina."²³

Lycidio Paes compreende o mundo contemporâneo a partir de sua complexidade, não deixando de ressaltar os benefícios que a ciência e a evolução técnica proporcionaram, mas também suas conseqüências ambíguas e até mesmo cruéis. Mas, o que preocupa o cronista é a utilização dessa capacidade inventiva do homem a favor da guerra.²⁴ O cronista pede aos deuses que permitam o avanço dessas descobertas e invenções, despertando o respeito mútuo entre os povos e garantindo a paz.

Walter Benjamin, em seu ensaio *Teorias do Fascismo Alemão*, apresenta uma importante reflexão sobre as questões até aqui apontadas. Benjamin cita a frase de um

²⁰ SEVCENKO, N. , Op.cit., p.550

²¹ Ibid, p.559.

²² McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1971, p.249.

²³ SUSSEKIND, F. *O Cinematógrafo das Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.51.

²⁴ PAES, L. Os perigos da evolução. *Correio de Uberlândia*, 09/02/1971, p.4

político no Salão do Automóvel: “L’automobile c’est la guerre”, que contém, em sua raiz, a idéia de que a aceleração, possibilitada pela técnica e seus instrumentos, não encontra em nossa vida uma utilidade adequada. Para Benjamin, “a guerra imperialista é co-determinada, no que ela tem de mais duro e de mais fatídico, pela distância abissal entre os meios gigantescos de que dispõe a técnica, por um lado, e sua débil capacidade de esclarecer questões morais, por outro.”²⁵

Benjamin, no entanto, para além da crítica aos caminhos que o desenvolvimento técnico pode tomar, acredita haver uma oportunidade para que o homem reordene sua relação com a natureza por meio da técnica e poeticamente exprime o seu desejo de que não manejem a técnica “como um fetiche do holocausto, mas como uma chave para a felicidade.”²⁶

É ainda o desenvolvimento e a sofisticação técnica que possibilitarão mudanças nos hábitos e costumes sociais, derrubando preconceitos, apesar de não resolver o problema da desigualdade social. Desta forma, não só a morte causada por acidentes de trânsito põe em perigo e redimensionam a relação vida e morte na espécie humana, mas também a guerra e, nos anos de 1960, a pílula anticoncepcional. O cronista permite-nos compreender a necessidade constante do estranhamento que leva à reflexão sobre o significado de nosso caráter humano e de nossa vertiginosa passagem por um século de transformações e acomodações, em que a velocidade tem um papel preponderante.

Afinal, uma nova equação entre arte/ciência/técnica está sendo posta em questão num território que devora culturas e idéias junto às técnicas. Como formula Amálio Pinheiro²⁷, os elementos da modernidade permitem-nos desarticular a idéia de fronteira entre culturas, entre saberes, entre o clássico e o popular, entre o sagrado e o profano. O movimento e a luminosidade são elementos deste mundo moderno em que os instrumentos técnicos inseridos no cotidiano vão redefinindo e recriando formas de vida e de contato.

²⁵ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Magia e Técnica, arte e política. Vol.1, Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 61

²⁶ Ibid, p.72

²⁷ PINHEIRO, A. *Aquém da Identidade e da Oposição*: Formas na cultura mestiça. Piracicaba: Unimep, 1994, p.27.